



ID: 105975086 30-06-2023 | EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO PROFIS.

# “Para haver mais cursos profissionais, tem de haver vontade política”

**PORTUGAL** tem 110.000 alunos nas escolas profissionais, mas para cumprir as metas da União Europeia teria de ter 150.000 alunos nesta via, afirma José Luís Presa, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO)



**E**m Portugal os cursos técnico-profissionais não recebem o crédito devido pela formação dos melhores profissionais em áreas tão importantes como hotelaria, mecânica ou informática, entre outras, e por uma empregabilidade que pode chegar aos 100%.

As escolas profissionais são “as maiores executoras das políticas públicas de educação e formação” há 34 anos, mas falta “vontade política” para aumentar a oferta formativa, sublinha, em entrevista, José Luís Presa, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO).

A União Europeia quer colocar 50% dos alunos dos Estados-membros em cursos profissionais, mas em Portugal está a ser muito difícil atingir essa meta. “Para termos os 50% de alunos em ambas as vias, tínhamos de passar dos 110.000 alunos

que frequentam cursos profissionais para cerca de 150.000 alunos, ou seja, teríamos de reduzir 40.000 alunos dos cursos gerais, encaminhando-os para a multiplicidade dos cursos profissionais constantes do Catálogo Nacional de Qualificações.”

O presidente da associação que congrega a esmagadora maioria das escolas profissionais no País frisa que, “para haver mais cursos profissionais, tem de haver vontade política para aumentar esta oferta formativa, em linha com as necessidades de cada território”.

Os cursos profissionais com maior procura em Portugal são “da área das informáticas, seguidos pela hotelaria, restauração e digital e multimédia”.

## O preconceito dos professores

Quem passa o preconceito em relação às escolas profissionais são, muitas vezes, os professores das escolas gerais, afirma José Luís Presa, assegurando que não existe qualquer estigma da sociedade em geral em relação a esta via pedagógica. “Não temos mais alunos nos cursos profissionais porque as escolas básicas e secundárias se fundiram e foram criados os Agrupamentos de Escolas e porque oferecem essencialmente os cursos impropriamente chamados ‘gerais’. Não informam devidamente os pais e os alunos sobre as diferentes modalidades, mas, antes pelo contrário, desencorajam-nos a fazer outras opções e, não raro, como nos relatam os alunos que che-

gam às nossas escolas, são os professores dessas escolas que dizem mal das escolas e dos cursos profissionais.”

A Lei de Bases do Sistema de Ensino coloca os cursos científico-humanísticos e os cursos profissionais ao mesmo nível, pois todos integram o ensino secundário, que tem como missão preparar os alunos para a vida ativa e para o prosseguimento de estudos, refere. “Por isso, no plano legal, não há qualquer discriminação, nem estigma subjacente, e também não vemos alguém que saiba do que fala dizer mal dos cursos profissionais.”

O problema, aponta, é mesmo “a cultura e o clima que se vive nas escolas e agrupamentos”, o que permite perceber porque é que o País não tem mais alunos nos cursos profissionais e como “está a ser tão difícil atingir a meta da União Europeia de colocar 50% dos alunos em cursos profissionais”, destacou José Luís Presa.

As compensações de optar pela via profissional são várias. Existem quatro vias nos cursos científico-humanísticos e 21 áreas de formação com cerca de dez cursos, em média, cada uma nos cursos profissionais, refere.

Uma das maiores vantagens é a elevada taxa de empregabilidade. “Entre os alunos que entram no mercado de trabalho e os que prosseguem estudos no ensino superior, a empregabilidade/prosseguimento de estudos, ao fim de seis meses, aproxima-se dos 80% e, um ano depois, aproxima-se dos 100%.”

**OS CURSOS PROFISSIONAIS COM MAIOR PROCURA SÃO DA ÁREA DAS INFORMÁTICAS, SEGUIDOS PELA HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E DIGITAL E MULTIMÉDIA.**